O ENSINO DE ARTES VISUAIS E A INCLUSÃO SOCIAL

TATIANA APARECIDA REIS GOMES[1]

RESUMO

Vivenciamos o momento em que muito se discute e se questiona quando se trata da Educação Especial Inclusiva. A legislação é explícita em termos de obrigatoriedade. Entretanto, não basta apenas inserir os alunos com necessidades educacionais especiais, é preciso, criar condições para que todos possam desenvolver suas capacidades perante o ensino e a aprendizagem. Buscou-se por meio desse estudo, compreender esse novo paradigma. Assim sendo, buscou-se como objetivo fazer-se uma reflexão contextualizada dos conceitos, da legislação, da pratica pedagógica vinculando-se no campo da arte educação. Sabendo-se da importância que o desenho tem para o desenvolvimento da criança, o artigo busca uma releitura sobre autores consagrados e que defendem essa linha de pesquisa, norteado em referências buscamos compreender as inúmeras interpretações passíveis de serem feitas nos desenhos infantis.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil; Inclusão Social; Grafismo; Educação Inclusiva

INTRODUÇÃO

O artigo norteia a busca e identificação sobre a influência do trabalho com artes, desenho na educação infantil e sua percepção na tangível da inclusão social. Diante deste contexto, realizou-se um estudo bibliográfico a fim de coletar dados suficientes para desenvolver as páginas do trabalho. Foi embasado decorrente das inquietações que nos acompanharam ao longo do trajeto acadêmico e enquanto profissional atuante da área.

[1]Graduação em Pedagogia pela Faculdade Braz Cubas (2003); Graduação em Artes Visuais pela FAEP (2019); Pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela FALC (2010); Assistente de Direção Escolar na EMEI Ibiapaba Martins, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

Abordar a temática não é apenas um fato de modismo, nem tão pouco considerá-la uma tendência no espaço pedagógico, mas sim uma indagação naquilo que consta como questão de direitos humanos.

O pressuposto de cidadania se constitui em um envolvimento atuante e consciente de todos os cidadãos. Entretanto, é preciso ser capaz de enxergar os contornos sociais de modo sucinto e crítico, reconhecendo as diferenças históricas e culturalmente constituídas. De modo que a cidadania também é um método de inclusão, organização e planificação das condições necessárias de vida em sociedade, torna-se imprescindível delinear propósitos de vida comuns que acondicionam os valores humanos e que refreiem de algum modo as desigualdades e injustiças sociais.

O tema “A inclusão social e o ensino de Artes Visuais” justifica pela necessidade em trabalhar de maneira prazerosa e qualitativa com alunos da educação infantil, uma educação de qualidade, que comporta as diferenças e sabe trabalhar com a inclusão. Por se tratarem de crianças e adolescentes, é sabido que essa fase etária é muito atraída pelas formas, figuras, sons e o desenho numa totalidade.

Tendo como objetivo de estudo compreender e interpretar os desenhos infantis de modo que, na qualidade de educadores, possamos auxiliar as crianças em seu desenvolvimento. O trabalho tem como objetivos específicos identificar essa relação existente entre educação e inclusão e artes visuais fazendo um paralelo amparado pelos renomados autores citados nas referências bibliográficas .

Por hipótese tem-se o resgate da arte na infância, com foco no desenho e grafismo e sua contribuição na inclusão escolar, e utilizá-la em prol do desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo da criança, por meio da compreensão e interpretação dos desenhos infantis.

Na realidade escolar essas especificidades são explicitadas quando o aluno apresenta uma qualidade de aproveitamento abaixo do esperado, ou abaixo daquilo que é considerado normal na esfera educacional. Assim no processo pedagógico é diferenciado da maioria dos demais, tendo como referência inicial a idade e o grupo social a qual pertence.

Em seguida comentamos sobre o desenho como atividade molar ou atividade desenvolvida por estímulo próprio fazendo uma relação entre as artes visuais e a inclusão social sintetizando-se assim a arte na educação.

Por fim dissertamos sobre a criança e o meio porque e o que a criança desenha, mostrando o desenho como técnica projetiva e a organização cognitiva e representações simbólicas da criança nos jogos e desenhos.

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO SÉCULO XIX

No século XIX se destaca o educador Friedrich Fröebel (1782-1852), protestante alemão que desenvolveu suas teorias em pressupostos idealistas motivado pelo amor à criança e à natureza. Foi no-

tadamente reconhecido pela criação dos jardins de infância, onde destacava a importância em preservar as almas da criança em sua totalidade e para isso o essencial era a atividade infantil.
Considerado como o clássico da primeira infância, Fröebel (2001) iniciou suas incursões no universo educativo, dando aula em uma escola que embasava seu trabalho nos conceitos de Pestalozzi. Subsequente organizou suas ideias sobre a educação em vários livros.
Esses conceitos tiveram uma aplicação prática nos anos iniciais, mas se consideravam que elas se estendiam a todos os níveis educacionais, pois como o conhecimento se dá:
Exteriorizar o interior, interiorizar o exterior, unificar ambos, esta é a fórmula geral do homem. Por isso, os objetos exteriores excitam o homem para que os conheça, em sua essência e em suas relações; para ele o homem está dotado de sentidos, isto é, de instrumentos com os quais possa interiorizar as coisas que o rodeiam. Mas nenhuma coisa pode ser mais conhecida quando são comparadas com os seus opostos e se encontram as suas semelhanças, o ponto de união/intersecção. Tanto mais perfeito será o conhecimento de um objeto, quanto melhor se realiza a comparação com o seu oposto e a unificação dos dois. (FRÖEBEL, 2001, p. 43).
Simultâneo aos fatores teóricos, Fröebel concretizou o seu projeto educativo com a criação do intitulado Jardim de infância, em 1837, na cidade Blankenburg, na Alemanha. Deste modo, a partir de então, todas as instituições criadas para crianças nos anos iniciais passaram a receber essa denominação.
Segundo Richter (2002) Fröebel é, ao mesmo tempo, o culminante teórico do jogo e o seu mais notável realizador prático. O compreendimento do aspecto educativo envolvendo o brinquedo ou as atividades lúdicas levou Fröebel a enfatizar seu papel ativo no processo de desenvolvimento infantil, isto é, enfatizou a auto- atividade como meio mais viável para elaboração de um procedimento educacional.

O REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O ESTUDO DE ARTES

A Arte foi incorporada ao léxico acadêmico e passou a ocupar um universo com grande significância nos debates sobre a função da arte na educação atual. Após o período da década de 1970, Ana Mae Barbosa desencadeou uma reflexão sobre o ensino de arte no Brasil por meio de suas elaborações teóricas.
A princípio, no entanto, pode-se considerar que essa abordagem não possui diferencial, porém ao buscarem concepções teóricas e razões epistemológicas que a embasou se verifica a divisão em vários posicionamentos sobre a função da Arte.
Para Barbosa (2008) todo o esforço acerca da ampliação dos conhecimentos artísticos e estéticos dos outros é Arte-educação. Assim sendo a Arte é visível no museu ou na rua, quando há uma imensa obra de arte pública.
Sucinta Barbosa (2008) que o professor pode inovar para prender a atenção dos alunos quando ministra arte, levando-os ao contato direto com o fazer artístico e fazendo-os pensar no que estão vendo, sentindo e apreciando a Arte. A Pedagogia Questionadora de Paulo Freire é ainda a melhor estrada e incita a pensar e formular significados.
Formular uma proposta para trabalhar a Arte requer esclarecimento sobre quais posições abrangentes sobre a mesma estão sendo assumidas. Entretanto, tais posicionamentos também permeiam na seleção de segmentos teóricos- metodológicos. Seguindo este eixo, serão apresentadas duas discussões sobre os referenciais: o primeiro ressalta sobre o caráter histórico- social da Arte e o segundo sobre os valores da arte na atualidade.
O primeiro referencial teórico norteador da Arte nacional realça o desenvolvimento criativo e estético dos alunos, sobretudo no referido aos seus processos de produção e apreciação artística. Este referencial é denominado de histórico-social, devido incorporar em seu segmento teórico-metodológico a relação com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte.
Arte-educação seria certa epistemologia da arte. A Proposta Triangular integra os componentes: a “leitura de obra de arte”, a “história da arte” e “a criação” (fazer artístico). Porém, nenhum deles desenvolvido de forma isolada corresponde à epistemologia da arte. O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação (BARBOSA, 2004, p. 32).
Esse referencial designa para uma conexão do fazer, do representar e do exprimir. Deste modo, em um abrangente contexto histórico-social que engloba o artista, sua obra artística, os difusores de comunicação e o público, a Arte é apresentada como produção, construção e trabalho. (FUSARI; FERRAZ, 2004).
Em vista disso, deve-se considerar que ao tratar das concepções de estética e artística, a arte educadora vinculada ao referencial histórico- social, deve considerar que os julgamentos artísticos envolvem julgamentos estéticos (BEST, 1985). E o estético em arte se refere, entre outros aspectos, à compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo e espaço sociocultural. Todavia, a experiência estética pode ser mais ampla e não necessariamente derivada da arte, embora a arte seja uma de suas principais fontes de aplicação (EAGLETON, 1990, p. 51).

Os professores que seguem o referencial histórico-social são remanescentes ou originados da Escolinha de Arte do Brasil e da ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Em consonância ao referencial histórico-social embasado no modelo e no conteúdo, se desenvolveram a partir de meados do século XX, reflexões que abrangem as questões referentes à posição do arte educador diante da sociedade e a relação da arte com o público, são chamados de referenciais modernistas da Arte-educação.

REFERENCIAIS MODERNISTAS

Os educadores de Arte que utilizam esse referencial facultam uma relevância decisiva quanto à alteração das linguagens da arte modernista no processo de definição da vida social desde a década de 1920. De acordo com esse referencial, o que possibilitou a progressiva assimilação das novas enunciações artística pelo público em sua extensão foi à revolução silenciosa que ela causaria frente à espacialização dos estilos modernos no dia a dia. A princípio por meio da arquitetura e do design que dão vida aos utensílios domésticos e, em seguida, através da publicidade e da moda.

O rádio, o cartaz e em seguida a televisão, seriam os principais veículos de uniformidade das novas tendências estéticas que emergiram primeiramente no âmago dos movimentos artísticos de vanguarda e rapidamente adaptadas ao uso diário. Deste modo, a Arte na educação deveria caminhar rumo a essa definição na vida cotidiana.

Acerca dessas considerações é assegurado fundamentar que, do ponto de vista histórico, a Arte moderna e todo seu contexto material se formou pelos diversos níveis de apropriações praticadas pelo meio social, essenciais para legitimar o trabalho do professor de Arte.

No universo capitalista o custo de tais ponderações está vinculado com a escala de produção de bens, e nesta direção, tomado à exigência constante daquilo que é novo e da novidade levou a banalização do imaginário no trabalho de Arte.

De tal modo, a nova condição de trabalhar com a Arte teria absorvido a exigência de inovar a organização de seu entorno regular, arrojava a formulação de objetivos que caminhassem a conferência de estratégias que visam distender modos de resistência aos movimentos idealizadores dominantes com o ofício de âncora para a produção de novos fervores estéticos (BASBAUM, 1988).

No entorno desta conjuntura, a concepção da Arte num universo alargado a guarita uma variedade de manifestações como performances, instalações e intervenções na amplitude urbana e em meio a espaços naturais, encadeando artes cênicas, literatura, artes plásticas, poesia e música, numa proposta esbelta interdisciplinar.

Entretanto as definições oriundas do referencial histórico-social como o que expõe o referencial modernista outorgam respectivas e perspectivas ideológicas identificadas por vezes com a tradição “esquerdista” outras com a tradição de “direita” com modo de pensar ocidental no século XX. Assim, é possível averiguar que a tensão acerca do embate das ideias que tutelam, se revelando contraditório e politicamente ambidestro, na dimensão em que a prática artística se refere. O trabalho de Arte deixa nítidas as controvérsias entre o fundamento histórico e sua autorreflexão.

As abordagens educativas emergem de mobilizações pedagógicas, sociais, filosóficas e, no caso da Arte Visual, é também estética e artística. Caracterizadas em seus distintos momentos, amparam a compreensão na questão do seu procedimento teórico e a sua relação com a própria vida.

Deve considerar que os embasamentos teóricos da Arte variam em conformidade com seu quem elaboradores, para tanto se fundamenta em seus destinatários, suas finalidades, suas produções, podendo, variar o ângulo visionário a partir de um mesmo objeto, desde uma perspectiva histórico-social até a modernidade e pós-modernidade.

Nesse processo, as teorias da arte, a história da arte, estética e filosofia da arte, auxiliam-se mutuamente, completam-se, para determinar o tipo de enfoque que será dado ao discurso da Arte educação.

INFÂNCIA, INÍCIO DO SABER ARTÍSTICO

Pensar sobre arte e infância traz recordações de um esboço positivo de criança que pôde vivenciar e crescer num ambiente familiar e em um ambiente escolar que sempre valorizaram a arte incentivou nossa expressão, que se apresentaram num universo cultural amplo e variado e nutriram uma paixão que estendida pelos anos vividos cresceu e amadureceu.

O homem constrói conhecimento socialmente e a troca é fundamental para seu desenvolvimento. É na vida, no encontro com o outro que a aprendizagem se desenvolve. Esse processo se dá tanto fora como dentro da escola. Todos nós temos, em nosso dia a dia, acesso a diferentes manifestações artísticas, de diferentes produtores, dos mais populares aos mais eruditos, mesmo que não sejamos moradores das grandes cidades. Esse acesso é hoje possível não só em museus, teatros ou salas fechadas para esse fim, mas também através da televisão, dos jornais, revistas, enfim, de todos os meios de comunicação, dos objetos presentes em

nossa casa, na rua. (MOURA, 1997, p. 29).

Artes Visuais é linguagem e, no entanto é uma dos métodos importantes de expressão e comunicação do homem, estas expressões estão presentes no desde a vida infantil. Ao desenhar a criança utiliza de materiais para construção de algo, ao pintar folhas de papel, objetos, entre outras formas de pintura a criança faz uso das artes visuais para expor suas emoções, suas sensibilidades. No entorno das artes visuais as crianças atribuem significados de seu modo único expressa, comunica, relatos, sensações, sentimentos e fatos comumente vividos acerca da sua realidade.
Por isso, se faz questão de promover momentos alegres e confiantes onde o professor intervém com propostas indiretas positivas, para que a criança possa expor livremente através de suas possibilidades artísticas, assim podendo exercer seu direito de cidadão de expressar-se, bem como de ter contato e refletir sobre as produções artísticas.
A expressão, o desenvolvimento que instiga a criação, a sensibilidade e as capacidades harmoniosas e estéticas das crianças poderá ocorrer ao exercer a arte, assim como no contato com a produção de arte presentes na comunidade. O desenvolvimento da capacidade artística está apoiado também, na prática de reflexão das crianças ao aprender algo, que articula percepção, a ação, a sensibilidade, o imaginário e a cognição.
As artes visuais são linguagens de expressão, que comunicam e atribuem definição a sentimentos, sensações, pensamentos e veracidade acerca da organização de segmentos, formas, linhas, pontos, cor, rabiscos, luz, sendo, assim, um dos modos mais importantes de se expressam e se comunicação, esta disciplina por si só, justifica seu permear no contexto educacional e em especial na educação infantil.

As artes visuais são linguagens de característica própria no âmbito reflexivo e prático e cuja aprendizagem se dá por meio dos aspectos de fazer arte, apreciar a arte e reflexão sobre a arte.

Read (2001) fundamenta que para as crianças, brincar é a expressão de relação com a totalidade da vida, e nenhuma teoria infantil será possível se não houver também uma teoria que acoberte a totalidade da relação da criança com a vida.
O lúdico é visto como a aplicação de todas as atividades espontâneas das crianças e; que são fins e auto geradas em si mesmas; e que ainda estão relacionadas com os momentos ou com as necessidades psicológicas normais e cotidianas da criança.

ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Nessa relação das artes visuais com o contexto social, é possível afirmar que a arte contribui como mediadora entre o sujeito e o mundo. Segundo Rocha (2008) com base em Vygotsky apud Stumm (2004):
A arte é vista como um processo de comunicação social, envolvendo sentidos e significados inteligíveis a qualquer pessoa, combinando as vivências individuais com a recepção do produto estético, percebido como produto social da cultura (STUMM, 2004, p. 362).
A arte instiga a criatividade e a imaginação, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem. E, um dos objetos de estudo neste projeto foi o desenho, sendo que nos ateremos a ele como linguagem e elemento de mediação em Educação Inclusiva.
Selecionou-se o desenho, pois nele é percebida a relação da criança com o meio, o que auxilia na construção e no domínio das funções sociais e psicológicas. Na perspectiva de Pillar (1996)

O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações, etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo (PILLAR, 1996, p. 36).
Cox (2001) tem como ponto de vista que estudar o desenho é pensar:

Que as crianças se dedicam mais frequentemente ao desenho do que a qualquer outra atividade pictórica. Podem facilmente desenhar sem a ajuda dos adultos. Outra questão seria que “a capacidade de desenhar bem é manifestamente a base para todas as artes pictóricas”. Alguns pesquisadores apontam diferenças nos desenhos de crianças “regulares” e crianças com necessidades educativas especiais. Segundo o autor, esses pesquisadores enfatizam a insuficiência de detalhes, a falta de organização, proporções imperfeitas e a inclusão de detalhes estranhos ou irrelevantes encontrados nos desenhos por parte das crianças com necessidades educativas especiais (COX, 2001, p. 89).
Ainda aponta que crianças com necessidades especiais, estão simplesmente passando pelos estágios de desenho num ritmo mais lento do que a criança regular.
Segundo Cox (2001) pode-se encontrar referências ao emprego do desenho para diagnosticar as capacidades e estado mental das crianças, como a maturidade intelectual, as dificuldades de aprendizagem, personalidade, ajuste emocional, entre outros.
Considerando a Educação Inclusiva em sala de aula, os educandos com necessidades educativas